

## **A preservação da tradição oral por meio das narrativas radiofônicas<sup>1</sup>**

Luciane Ribeiro do Valle<sup>2</sup>

Professora do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA

Professora das Faculdades Hoyler – Hortolândia

O presente artigo apresenta uma reflexão a respeito do potencial radiofônico para a colaboração no resgate e manutenção da tradição oral por meio das narrativas dos comunicadores populares. Tais narrativas potencializam o elo de fidelidade estabelecido entre locutor e ouvinte diariamente proporcionando a possibilidade de elaboração de uma proposta de ouvinte-modelo. Nessa estrutura o ouvinte (modelo), a partir das narrativas, torna-se agente atuante para a preservação do hábito milenar (e importante) de contar e recontar histórias.

Palavras-chave: rádio; oralidade; narrativa; linguagem radiofônica

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06 Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Puccamp e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora de Jornalismo Radiofônico das Faculdades Hoyler (Hortolândia – SP); professora da Radiojornalismo no curso de Jornalismo e de Produção Publicitária em Rádio do curso de Publicidade e Propaganda ambas no Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – SP. E-mail: lucianedovalle@ig.com.br

Nos estudos relativos ao meio rádio, faz-se necessário considerar os vários dados que caracterizam sua prática. O primeiro deles é quanto ao aspecto oral, sendo visto como uma fonte de recuperação da tradição oral, tradição esta que sofre um processo de desvalorização, principalmente no tocante à preservação da cultura, da memória e das tradições populares.

A oralidade pode ser classificada como uma das características mais primárias da raça humana. Oralidade no sentido de que tudo começa pela própria boca. As primeiras relações com o mundo externo, por exemplo, acontecem na fase oral, ainda na infância. Relacionado a essa marca da vida, está o próprio rádio. Um dos pioneiros na comunicação massiva foi ele quem trouxe para esta área a oralidade primária. Valendo-se das ondas radiofônicas, o homem realmente passou a ter voz e suas mensagens, mais abrangência<sup>3</sup>.

Dessa maneira, o rádio seria um mecanismo de fácil acesso para o resgate e preservação da tradição oral, funcionando como uma oralidade tecnológica, unindo tradição e modernidade, como expõe LOZANO:

O interesse que desperta atualmente a questão da oralidade pode ser exemplificado pelos numerosos eventos e trabalhos de cunho acadêmico que se desenvolveram recentemente em torno de sua relação com a antropologia, a história e a literatura. Abordar o fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo de comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humanas<sup>4</sup>.

A oralidade radiofônica se faz também com base na narração diária dos fatos cotidianos, trazidos e teatralizados repetidamente todos os dias. A partir dessa observação, pode ser estabelecida uma relação entre o resgate da tradição oral feita pelo rádio e a preservação dessa oralidade através da utilização da narrativa. Contar histórias é prática organizadora de experiências humanas, como demonstra CULLER:

---

<sup>3</sup> CUNHA, Mágda. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico: uma análise do emissor em “Gaúcha Hoje” e “Flavio Alcaraz Gomes Repórter”. In *Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas*. DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia Virgínia (orgs.), Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Brasília: Universidade de Brasília, 1999. p.143.

<sup>4</sup> LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In *Usos & Abusos da história oral*. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.15.

As teorias literária e cultural têm afirmado cada vez mais a centralidade cultural da narrativa. As histórias são a principal maneira pela qual entendemos as coisas, quer ao pensar em nossas vidas como uma progressão que conduz a algum lugar, quer ao dizer a nós mesmos o que está acontecendo no mundo. (...) Mas a narrativa não é apenas uma matéria acadêmica. Há um impulso humano básico de ouvir e narrar histórias. Muito cedo, as crianças desenvolvem o que se poderia chamar de uma competência narrativa básica: exigindo histórias, elas sabem quando você está tentando enganar, parando antes de chegar no final<sup>5</sup>.

Atualmente essa narrativa de que trata CULLER se apresenta sob várias versões: telenovela, romance, folhetim, cinema e o rádio é também um instrumento contador de histórias. O locutor atua então como um contador de histórias, ao utilizar os recursos da linguagem radiofônica para construir o cenário, os personagens e todo o enredo da história. Do outro lado, o ouvinte se coloca como o receptor da história, que irá proporcionar-lhe uma constante possibilidade de reafirmação de sua cultura, principalmente a oral, pois se aproxima de suas origens e anseios. Dessa maneira o ouvinte, envolvido com a história, passa a se sentir parte atuante, estabelecendo-se aí um elo entre locutor-narração-ouvinte. O cotidiano e as referências do ouvinte são elementos que possibilitam a compreensão a respeito da fidelidade constituída entre comunicadores e ouvintes. A cumplicidade se estabelece a partir dessa narração que se aproxima das origens culturais e sociais dos ouvintes, pois a locução, além de ser feita com uma linguagem próxima ao coloquial, reproduz os assuntos que são os mesmos debatidos dentro de casa, no trabalho, na rua, etc.

Em relação a essa prática, CANCLINI apresenta o trabalho realizado pelos comunicadores populares como narradores urbanos:

Como nos videoclipes, andar pela cidade é misturar músicas e relatos diversos na intimidade do carro com os ruídos externos. (...) Tudo é denso e fragmentário. Como nos vídeos, a cidade se fez de imagens saqueadas de todas as partes, em qualquer ordem. Para ser um bom leitor da vida urbana, há que se dobrar ao ritmo e gozar as visões efêmeras. (...) Algo parecido ocorre com o rádio e a televisão como narradores urbanos. Parece que estes meios só puderam superar as simultaneidades e a dispersão do videoclipe, a obsolência diária dos episódios da informação, quando a dor e a desordem de acontecimentos excepcionais os incitou a “recuperar” uma certa espessura histórica e o sentido de se viver, juntos, numa cidade ou nação<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999. (Tradução Sandra Vasconcelos). p. 84-5.

<sup>6</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p. 132-4.

As palavras carregam em si, numa narração, uma emocionalidade e um poder transformador que pode ser percebido, por exemplo, no discurso dos locutores de programas populares em rádios AM. Nesses discursos, eles utilizam toda sua capacidade narrativa e as palavras que melhor se adaptam e se encaixam no discurso e na idéia proposta. Pode-se colocar o locutor como alguém que tem grande poder de persuasão, com grande capacidade de utilizar os recursos da linguagem radiofônica para emocionar, entreter e provocar sentimentos como explicita LOPES ao refletir sobre o efeito do discurso radiofônico:

(...) O efeito do discurso é o estabelecimento de uma relação intimista e afetiva entre o comunicador e o ouvinte. Através da linguagem coloquial e emotiva, o comunicador cumpre as funções do amigo, do familiar, do conselheiro. Isto lhe permite produzir um discurso comercial, moral, estético, afetivo, passando de um para outro sem a menor dificuldade (...)<sup>7</sup>.

Para FERRARETO, o locutor, ao utilizar seu potencial vocal e todos os recursos de que dispõe a linguagem radiofônica, tem em mãos a possibilidade de oferecer elementos para a construção de imagens mentais no ouvinte:

Embora não seja o único, a fala constitui-se no principal instrumento da comunicação radiofônica. Quem lê uma notícia ou apresenta um programa depende em grande parte do uso que faz da sua capacidade vocal. Foi-se o tempo dos vozeirões no rádio, mas segue sendo indispensável ter consciência de que, como todos os aspectos de uma atividade profissional, falar ao microfone exige uma técnica apurada em que diversos elementos expressivos mesclam-se. A forma como se fala atribui significado ao texto. Uma mesma frase pode expressar algo do ponto de vista do conteúdo das suas palavras em si ou, por exemplo, com um acento irônico, referir-se justamente ao contrário. As sutilezas e nuances vocais imprimem, assim, a um mesmo discurso significados diversos<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> LOPES, Maria Immacolata Vassalo. O rádio dos pobres: um estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo, 1982, Dissertação (Mestrado – Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. p.126

<sup>8</sup> FERRARETO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 307.

A compreensão que se faz de imagens mentais é de considerá-las como o momento de abstração do ouvinte, isto é, momentos nos quais ele se remete à sua própria vivência, quando utiliza seus próprios referenciais para compreender a mensagem enviada. Para isso o ouvinte ativa seus sensores internos e passa a vivenciar, por meio de sua própria imaginação, as mensagens que recebe. De acordo com ORTRIWANO, as imagens mentais se estabelecem por meio da sensorialidade:

O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um<sup>9</sup>.

Uma das principais e fundamentais características da linguagem radiofônica é exatamente a utilização de um só sentido – o auditivo, pois possibilita ao ouvinte a realização de várias outras atividades enquanto ouve rádio, como também, a portabilidade, isto é, a possibilidade de ter acesso ao rádio em qualquer lugar, seja no carro, em casa, na rua, no trabalho, etc. E é por essa importante característica, a oralidade, que se chega ao início da emissão das narrativas, das histórias contadas e recontadas cotidianamente que preenchem e entretêm o cotidiano dos ouvintes.

As narrativas aqui são tratadas como as falas dos locutores, englobando suas dramatizações, opiniões, propagandas, bem como todo o desenvolvimento do programa: sua estrutura, suas intenções, seu desenrolar diário. De acordo com o comunicador Eli Corrêa<sup>10</sup>, é preciso um envolvimento para que o programa aconteça:

(...) Não há como eu não imaginar realmente as coisas. Então eu acho que há muito desse ingrediente também no meu trabalho. (...) Se eu for falar de uma música que tenha alguma insinuação, eu vou realmente visualizar uma pessoa, porque não há como eu falar de alguém, de um toque, alguma coisa. Eu acho que essas coisas acabam sendo percebidas por quem ouve. Mas eu estou vivendo aquilo mesmo. Nas cartas da saudade, por exemplo, já aconteceu de eu chorar realmente, ficar em prantos. Você fala: ah! Mas você chorou porque você quis! Não, porque não há como você não se envolver pela história, ser apenas um narrador, tanto é que, não sei se as pessoas não perceberam ou não. Todas as pessoas que tentaram fazer uma

---

<sup>9</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985. p.80.

<sup>10</sup> Depoimento colhido em entrevista realizada para a Dissertação de Mestrado, defendida na ECA/USP em 2001.

carta da saudade e todas tentaram depois de um certo tempo para cá, mas elas sempre narram na terceira pessoa, eu narro na primeira, sou eu, eu sou a mulher, eu sou o bicha, eu sou o velho.

A relação se estabelece quando são identificados os momentos em que a narrativa e os recursos da linguagem radiofônica possibilitam a construção de imagens mentais, imagens estas que se transformam em fruição e também reelaboração por parte do ouvinte. É nessa circunstância que ele se vê presente, atuante, ressignificando seu cotidiano, seu passado e podendo vislumbrar perspectivas para o futuro, já que em muitos momentos ele tem no rádio a possibilidade de reflexão. Interessante processo é o de identificar situações nas quais a mediação do rádio consegue promover a troca entre locutor e ouvinte, estabelecendo uma relação de fidelidade.

Assim, a idéia primeira é que esses programas utilizam uma linguagem fácil e de rápida compreensão pelos ouvintes, funcionando como um elo entre o cotidiano conturbado dos ouvintes e uma espécie de fruição e acalento em meio às dificuldades diárias. Essa conexão será estabelecida pelo fato de os locutores se utilizarem, em seus programas, de uma narrativa, com histórias que são contadas e recontadas diariamente. Contam um pouco a história daquele ouvinte, fazendo com que ele se identifique com o que está ouvindo. Por meio da narrativa que, de certa forma, é conhecida pelo ouvinte, chega-se ao ponto de desenvolver um pensamento de que o rádio, e, em especial os programas populares, seria uma espécie de “resgatador” da história das pessoas, mas não de qualquer história e sim de uma história oral, aquela que não é encontrada em livros, aquela que vem contendo experiências vividas, sonhos compartilhados, aquela que reflete a cultura local, a origem das coisas e que vem interpretada por uma série de mitos que são adaptados e reelaborados dentro das narrativas.

Admiti-se, então, que o rádio, em especial, o locutor, pelas suas narrativas, colabora para a continuidade da história oral, para a preservação da memória e da história das pessoas. Para que as pessoas não percam sua essência e que, ao invés disso, possam se ver representadas em cada programa que ouvem, em cada história narrada, como demonstra ROUSSO:

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. Portanto não admira que tenha interessado aos historiadores do tempo presente, depois de outros,

já que essa presença, sobretudo a de acontecimentos relativamente próximos como as revoluções, as guerras mundiais ou as guerras coloniais, acontecimentos que deixam seqüelas e marcas duradouras, tem ressonância em suas preocupações científicas (...). A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugere Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros<sup>11</sup>.

Nesse processo de identificação, destaca-se uma presença bastante significativa: a performance do locutor, pois, na “época de ouro” do rádio brasileiro a voz padrão para locução era a chamada voz empostada. Era um dos requisitos para transmitir confiabilidade e credibilidade, tão necessárias à comunicação radiofônica. Atualmente essa voz já não se constitui por um padrão. Os “vozeirões” já não são tão comuns, mas uma voz mais descontraída de um locutor que saiba articular bem as palavras, que tenha capacidade de improviso e, acima de tudo, que saiba aproveitar toda sua capacidade vocal.

Outro componente do conjunto de atribuições do trabalho do locutor é o fato de ele se alimentar do contato com seus ouvintes. Além das informações que recebe da imprensa, ele, com a relação que estabelece com os ouvintes, aumenta sua capacidade de articulação e também enriquece seu programa com a troca de experiências. O que é trabalhado pelo locutor são as formas de contar e recontar as narrativas cuja fonte está no relato da história de vida de pessoas; uma singular experiência transformada pelos locutores em contos, crônicas, relatos narrados de forma teatralizada.

De uma forma ou de outra, essas histórias são uma espécie de detonador de emoções. Contadas no rádio, provocam sensações e relembram outras guardadas em algum lugar no passado do ouvinte. Passado este que, muitas vezes, é permeado de outras tantas histórias e experiências que serviriam de base para narrativas semelhantes. Essas práticas estariam próximas da caracterização estabelecida por HALBWACHS que esclarece o fato de a memória individual não estar inteiramente isolada e fechada:

---

<sup>11</sup> ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In Usos & Abusos da história oral. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 94-5.

Um homem para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou do seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros<sup>12</sup>.

Reforça-se então a proposta de que as histórias seriam uma espécie de resgate da história oral de pessoas, de uma região, de uma fase de suas vidas. O que os locutores e a mediação radiofônica fazem é uma espécie de preservação dessas histórias. E essa preservação é, ao final do processo, o resgate da história e da memória de uma época, de uma população específica que tem muita história para contar e poucos para ouvir, em virtude da situação na qual muitos se encontram, principalmente em grandes centros como a cidade de São Paulo, aprisionados dentro de suas casas, cidade na qual os relacionamentos se tornam, às vezes, superficiais. A insegurança, a descrença aproximam, de certa forma, os ouvintes desses programas de rádio por terem suas temáticas voltadas para uma visão mais otimista da realidade social, por trabalharem com o potencial emotivo do ouvinte, encorajando-o a continuar tentando realizar seus sonhos.

O cotidiano do ouvinte torna-se uma fonte inesgotável de informações para as narrativas diárias do locutor. Os comunicadores precisam dedicar atenção especial para esse cotidiano, pois é nele principalmente que se encontram os elementos constituintes dessa relação de fidelidade e amizade formada entre locutor e ouvinte.

### **Uma proposta de “ouvinte-modelo”**

Frente a essa realidade do estabelecimento de uma troca constituída entre ouvinte e locutor, propõe-se, neste contexto, identificar esse ouvinte. No entanto, não é objetivo da presente discussão partir de amostragem de audiência. É objetivo ultrapassar as margens

---

<sup>12</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990. p. 54.



econômicas e sociais, e orientar a análise para a formação de um público ouvinte com base no desenvolvimento do leitor-modelo elaborado por ECO:

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto. Quem já assistiu a uma comédia num momento de profunda tristeza sabe que em tal circunstância é muito difícil se divertir com um filme engraçado. E isso não é tudo: se assistir ao mesmo filme anos depois, mesmo assim talvez não consiga rir, porque cada cena irá lembrá-lo da tristeza que sentiu na primeira vez. Evidentemente, como espectadores empíricos estaríamos “lendo” o filme de maneira errada. Mas “errada” em relação a que? Em relação ao tipo de espectadores que o diretor tinha em mente – ou seja, espectadores dispostos a sorrir e a acompanhar uma história que não os envolve pessoalmente. Esse tipo de espectador é o que eu chamo de leitor-modelo – uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Um texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável<sup>13</sup>

Fazendo uma analogia com a proposta de leitor-modelo oferecida por ECO, respeitadas as devidas proporções, o ouvinte de rádio é, de certa forma, propenso a reagir aos estímulos enviados pelos comunicadores. Tais estímulos são emitidos principalmente por meio das histórias contadas no rádio, histórias que se reportam ao modo de viver ou ao passado do ouvinte, fazendo-o interagir de forma a proporcionar-lhe um envolvimento afetivo. Aos poucos o ouvinte vai sendo cativado por aquela voz, pela história e principalmente pelo modo como ela é contada. Cabe à linguagem radiofônica dar o colorido e a abertura para que a história consiga mover a imaginação do ouvinte. Outra peculiaridade é o processo de transformação pelo qual passa a narrativa, aproximando-a da ficção, por possuir elementos muitos semelhantes e também por buscar os mesmos objetivos que uma história ficcional, como explica ECO:

Por enquanto, só quero dizer que qualquer narrativa de ficção é necessária e rápida porque, ao construir um mundo que inclui uma multiplicidade de acontecimentos e de personagens, não pode dizer tudo sobre esse mundo. Alude a ele e pede ao leitor

---

<sup>13</sup> ECO Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 14-15.

que preencha toda uma série de lacunas. Afinal, todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho<sup>14</sup>.

Nas narrativas<sup>15</sup> dos locutores sabe-se que não se trata de uma ficção, mas, pelo encaminhamento da leitura teatralizada, pode-se tratá-la como uma narrativa de ficção que oferece, como expõe ECO, elementos para o entendimento, pelo ouvinte, da mensagem enviada. Aos poucos, locutor e ouvinte vão construindo (juntos) uma narrativa com elementos ficcionais, transformando a realidade em um fato com características típicas de uma obra de ficção. Quando ECO propõe que o leitor preencha toda uma série de lacunas, uma analogia entre essa proposta e a construção de imagens mentais pode ser estabelecida. Pois assim como o leitor, o ouvinte é livre e adquire, através da audição, os elementos necessários para a constituição de todo o universo imaginário. A narrativa ativa os sensores do ouvinte que se envolve na história e um dos motivos desse maior envolvimento é a existência de elementos ficcionais na narrativa. A utilização desses elementos, tais como, músicas, outros efeitos sonoros, leitura teatralizada, texto adaptado, caracterizam uma história real (como é a maioria dos quadros de leituras de cartas nos programas de comunicadores populares) em uma narrativa de ficção.

Ao conviver com os elementos próprios da narrativa de ficção, abordados por Eco, o ouvinte torna-se “ouvinte-modelo” e passa dessa forma a integrar o texto radiofônico. Passa a ser parte da história. E, após integrar-se nesse processo, identificar-se com esse tipo de narração, o ouvinte está pronto para as outras mensagens emitidas. O programa de rádio começa a fazer parte de seu cotidiano e instituído como uma das necessidades diárias. Aliás, essa necessidade é uma das reações provocadas nos ouvintes ao adquirirem o “hábito” de ouvir o programa diariamente. Quando o ato de ouvir se torna agradável e prazeroso, passa a ser praticamente uma necessidade - principalmente as narrativas, o ouvir histórias, costume das civilizações primordiais<sup>16</sup>, que vem sendo recuperado e preservado sob vários suportes, inclusive o radiofônico.

Dentro dessa perspectiva o ouvinte é constituído a partir de algumas premissas, como por exemplo seu nível sócio-econômico e as resoluções que o programa de rádio pode lhe

---

<sup>14</sup> ECO Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. p. 9

<sup>15</sup> Entendidas aqui como os momentos nos quais os locutores lêem cartas ou até mesmo notícias, de forma teatralizada, utilizando-se dos elementos que compõem uma obra literária.

<sup>16</sup> Resgates históricos das civilizações demonstram os hábitos milenares de contar histórias. Hábitos transferidos de geração para geração, que foram se atualizando e sendo recuperados através de outros suportes, tais como o folhetim, o romance, a telenovela, o cinema.

dar. Outra característica é a carência do ouvinte em contraposição a toda a comunicação do apresentador voltada para preencher esse vazio de sentidos. E, por fim, a criação desse hábito que ao mesmo tempo é um refúgio, um acalento para a vida desse ouvinte que tem o rádio, às vezes, como o único meio para abstração e esquecimento dos problemas urbanos que uma metrópole traz à tona todos os dias. Esses hábitos formados pela narrativa promovem não só a constituição de um ouvinte-modelo, como também uma compreensão de si mesmo, proposta por THOMPSON, isto é, a possibilidade de entendimento de sua posição como participante das atividades tanto do programa quanto da sociedade:

Na recepção e apropriação das mensagens da mídia, os indivíduos são envolvidos num processo de formação pessoal e de autocompreensão – embora em formas nem sempre explícitas e reconhecidas como tais. Apoderando-se de mensagens e rotineiramente incorporando-as à própria vida, o indivíduo está implicitamente construindo uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que ele é e de onde ele está situado no tempo e no espaço. (...) Nós estamos ativamente nos modificando por meio de mensagens e de conteúdo significativo oferecidos pelos produtos da mídia (entre outras coisas). Este processo de transformação pessoal não é um acontecimento súbito e singular. Ele acontece lentamente, imperceptivelmente, dia após dia, ano após ano. É um processo no qual algumas mensagens são retidas e outras são esquecidas, no qual algumas se tornam fundamento de ação e de reflexão, tópico de conversação entre amigos, enquanto outras deslizam pelo dreno da memória e se perdem no fluxo e refluxo de imagens e idéias<sup>17</sup>.

Com base nas abordagens apresentadas por autores aqui tratados, acredita-se que as narrativas radiofônicas possuam características que estimulam o desenvolvimento íntimo e de abstração do ouvinte, pois segundo ECO, as narrativas estão muito presentes nessa função de preencher e ilustrar o viver cotidiano:

Entretanto, qualquer passeio pelos mundos ficcionais tem a mesma função de um brinquedo infantil. As crianças brincam com boneca, cavalinho de madeira ou pipa a fim de se familiarizar com as leis físicas do universo e com os atos que realizarão um dia. Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que acontecem, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 45-6.

<sup>18</sup> ECO, Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. p. 93.

Outro fator na constituição desse ouvinte fiel e cativo é o fato de os comunicadores utilizarem temáticas que trabalham com o lado subjetivo do ouvinte e não com um aspecto educativo e informativo. Momentos informativos fazem parte do programa, mas não é a tônica de nenhum deles, que se apóiam no quesito emoção, isto é, o objetivo é entreter e informar, partindo do fator emocional, dos desejos e carências dos ouvintes.

Dessa forma, desenvolve-se muito mais o lado subjetivo<sup>19</sup> com uma comunicação voltada para a individualidade, pois os problemas resolvidos não dizem respeito a uma coletividade e sim a ouvintes em separado que buscam auxílio. Da mesma forma que os temas tratados durante a programação, sempre partem de um exemplo individual para trazer significado para uma audiência maior.

Ao mesmo tempo em que essa prática tem como meta a audiência, essa comunicação personalizada auxilia no preenchimento de lacunas na vida do ouvinte, passando para ele uma impressão de intimidade, de proximidade, conseguindo manter a relação de amizade, a qual se propõem os comunicadores em seus programas.

Essa sensação de personalização é demonstrada por MARTÍN-BARBERO ao resgatar o trabalho feito por Gil Gomes:

Dramatização do real, o relato de Gil Gomes dota de rosto, situação e cotidianidade os anônimos personagens da crônica policial: “esses personagens têm casa, endereço, família e o que é mais importante, têm uma história de vida que inclui amor, amizade, ódio, vingança. Uma história que fala de seres reais e não de meras fichas de identificação<sup>20</sup>”.

Assim como a crônica policial, a comunicação popular realiza o mesmo processo de identificação, dando ao ouvinte não só a sensação de existência como também o de fazer parte do programa.

Contudo, vale destacar que o ouvinte não é passivo. Ele é parte integrante e importante na produção dos programas. Cabe a ele a reelaboração das mensagens, de realizar uma nova integração com o comunicador. Essa integração é o estabelecimento de um diálogo mental entre o conteúdo e a forma de emissão das mensagens e o modo pelo

---

<sup>19</sup> Considerando como o lado pessoal, íntimo, das dificuldades e desejos individuais do ouvinte.

<sup>20</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p. 318.

qual o ouvinte realiza a recepção. A partir daí, esse ouvinte, já acostumado com o padrão de comunicação do apresentador, atinge um nível, às vezes inconsciente, de satisfação por estar trabalhando com seus sensores internos, com seus sentimentos contidos, enfim, com sua imaginação.

E, ao recorrer aos seus sensores e suas referências cotidianas, o ouvinte abre espaço para um processo de ressignificação das mensagens, ou seja, ele se apropria das informações recebidas, dando-lhe novo significado. É mais do que um processo de filtragem: é um mecanismo que, acionado, transforma o sentido da mensagem que em muitos momentos amplia e/ou modifica suas práticas cotidianas.

## Referências Bibliográficas

- CULLER, Jonathan. Teoria literária: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999. (Tradução Sandra Vasconcelos)
- CUNHA, Mágda. O receptor idealizado pelo discurso radiofônico: uma análise do emissor em “Gaúcha Hoje” e “Flavio Alcaraz Gomes Repórter”. In Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas. DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia Virgínia (orgs.), Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro/ Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- ECO Umberto. Seis passeios pelos bosques da ficção. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. O rádio dos pobres: um estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo, 1982, Dissertação (Mestrado – Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In Usos & Abusos da história oral. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In Usos & Abusos da história oral. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.